**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

**Av. Marechal Rondon S/N, Rosa Elze. CEP: 49100-000 (79) 3194-6930/6931 –** [direcao.codap@gmail.com **–**](mailto:direcao.codap@gmail.com)

**Disciplina:** **Orientação Educacional 9º Ano – Ensino Fundamental**

**Professora:** **Silaine Maria Gomes Borges**

Durante o nosso ano letivo de 2020, iremos trabalhar com as temáticas: **Escolha Profissional, Informações sobre Instituições de Ensino Técnico Profissionalizante e Universidades públicas e particulares.**

**Sugestão para leitura sobre trabalho e trabalhador.**

**Reflexões sobre o trabalho e o trabalhador do século XXI.**

Erimilson Roberto Pereira

Mestre em Ciências Pedagógicas

Escola da Saúde e Desporto - [erimilsonroberto@ibest.com.br](mailto:erimilsonroberto@ibest.com.br)

**Introdução**

A maioria das atividades hoje praticadas nos países ricos não existia há 250 anos atrás (OLIVEIRA, 2006). A extinção de algumas profissões e o aparecimento de outras foram influenciadas pelo grande desenvolvimento tecnológico que tem ocorrido nos últimos séculos. Vale dizer que a tecnologia; através da informatização, robótica e automação; tem a propriedade de criar e extinguir profissões. Estabilidade e solidez de empresas são conceitos que, atualmente, não estão relacionados à vida profissional. A carreira, que representava o meio de sustento de uma pessoa para toda vida, perde o sentido no momento em que as mudanças no trabalho são constantes.

Estas mudanças no mercado de trabalho mexem não apenas com questões sociais e políticas trabalhistas, mas também com a própria identidade do trabalhador que tem seu valor mensurado pelo que é capaz de produzir (FROMM, 1970).

Mas esta crise que o trabalho está passando é diferente das anteriores. As mudanças nos conceitos de trabalho, a supressão dos postos de trabalho e o surgimento de novas atividades fazem com que o mundo atual forje uns trabalhadores qualificados e polivalentes, capazes de atuar ativamente no mundo do trabalho e determinar novas possibilidades de vida, onde há necessidade da redução da qualidade de vida para manutenção da própria existência profissional (SENNETT, 2005).

Desta forma, apresentar uma reflexão sobre as mudanças do trabalho e a entre trabalho e o trabalhador é a ingente tarefa a que se propõe este artigo.

**As mutações do trabalho.**

Por volta de 1600, em qualquer cidade da Europa, os comerciantes, artesãos, taverneiros, negociantes, construtores, artistas e praticamente todas as pessoas moravam e trabalhavam no mesmo lugar. Os locais de trabalho eram os mesmos das moradias onde os empregados residiam com os patrões e seus familiares. Por isto Karl Marx chamou o trabalhador de proletário, pois entendia que a única riqueza que possuía era sua prole. Por volta de 1770 surgem as fábricas e os empregos remunerados fora das residências. As fábricas atraíam pessoas que viviam no campo, assim foi necessário construir novas residências, além de criar novos serviços para suprir as necessidades urbanas como provimento de alimentação e saúde e confecção de roupas. (OLIVEIRA, op. cit.).

Desde então têm ocorrido mudanças nas formas de produção industrial, principalmente em função da incorporação de novas tecnologias. Entretanto, será no final do século XX que o mundo do trabalho irá sofrer um forte abalo em seu modelo de produção. Instaura-se uma nova ordem mundial onde a tecnologia, a comunicação instantânea, o encurtamento de distâncias e conexão com todo mundo são imprescindíveis. É o fenômeno da globalização que provocou grande impacto nos setores industrializados (SANTOS, 1993).

Lakatos e Marconi (1999) definem globalização como o conjunto de transformações de ordem econômica, política e social, tecnológica, cultural, religiosa e educativa, que ocorre no mundo. Desta forma, grandes áreas do planeta passaram a ser alvo de empresas multinacionais que transferiram seus parques industriais para áreas distantes de suas sedes. A globalização materializou a circulação mundial de capitais e mercadorias. Rapidamente os mercados integraram-se. Este processo foi facilitado pela evolução das tecnologias da informação, computadores, microeletrônica e telecomunicações. Essa integração dos mercados trouxe consequências mundiais de ordem política, social e econômica. Silva (2002) aponta dois exemplos clássicos: o primeiro trata da transferência de inúmeras indústrias da Alemanha Ocidental para a Alemanha Oriental onde os terrenos apresentaram preços mais baixos e mão de obra qualificada, porém, com salário um terço menor do valor pago na Alemanha Ocidental por atividade semelhante. Outro exemplo foi o da América Latina, onde grandes empresas (de automóveis, petroquímicas e econômicas) instalaram modernos parques industriais. Nestes casos, não apenas os funcionários tiveram remuneração muito abaixo de seus colegas empregados nas matrizes como as empresas foram beneficiadas com incentivos fiscais como a isenção inicial de impostos e a doação de terrenos.

Com a globalização surgiram vários blocos econômicos, várias associações de países que estabeleceram relações comerciais entre si e formas da atuação no mercado internacional (LAKATOS E MARCONI, op. cit.).

É importante destacar que estas transformações trouxeram implicações nas rotinas do trabalho. Um aspecto importante decorrente da influência da globalização no mercado de trabalho é o aumento da produtividade. Gitahy e Leite (2005) ao analisarem os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), concluíram que entre 1991 e 1996, no Brasil, o Produto Interno Bruto (PIB) aumentou 94% enquanto o emprego cresceu 4%, considerando todas as atividades econômicas. Os mesmos dados entre 1986 e 1996 mostram que a indústria de Transformação Brasileira teve redução de 1.096.100 empregos. Também os dados da Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM) apontam que, entre 1991 e 1996, houve uma redução do número de empregados em regime CLT na ordem de 48% (perda de 51.879 postos de trabalho), que correspondeu a uma elevação no faturamento líquido de 44%.

Assim, a partir da década de 1990, observa-se uma enorme elevação na produtividade e do crescimento econômico, porém, com redução do número de empregos formais. Este evento faz parte da flexibilização das relações do mercado de trabalho.

Ora, se os empregos estão se reduzindo e profissões estão desaparecendo, para onde vão os trabalhadores que perdem empregos? Muitos conseguem recolocação no mercado formal de trabalho em outras profissões, porém, muitos desempregados utilizam a indenização trabalhista para se tornarem profissionais autônomos como motoristas de táxi, motoristas de van, motoboys, sacoleiros, franqueados ou “dogueiros” (pessoas que fazem e vendem cachorro quente nas ruas). Outros se dedicam a atividades de artesanato, vendas e atividades de diversão como telegramas fonados e animação de festas (OLIVEIRA, op. cit.). Existem ainda os que têm pouquíssimos recursos e tornam-se catadores de papel, de garrafas, de papelão e latas principalmente.

A perda do emprego muitas vezes leva o indivíduo para o chamado mercado informal do trabalho, ou seja, sem garantias trabalhistas. Assim, o mercado de trabalho do novo milênio apresenta como característica a tendência de redução do emprego formal.

Sennett (op. cit.) mostrou o que acontece com as sociedades que se baseiam no capitalismo flexível. A flexibilização muda o sentido e o significado do trabalho e exige agilidade dos trabalhadores e abertura para mudanças rápidas, bruscas e em curto prazo. Veloso e Trevisan (2005) afirmam que flexibilidade é a capacidade com as novas situações e pressões do trabalho, visualizando e aceitando mudanças orientadas para a evolução e o desenvolvimento da empresa, administrando conflitos e promovendo esforços, com a obtenção de resultados satisfatórios.

Antes do capitalismo flexível, o trabalho era para a vida toda, com o objetivo de servir a família. O tempo era linear com conquista acumulativa e segurança no trabalho. Assim, os trabalhadores poderiam fazer previsões para toda a vida (SENNETT, op. cit.).

A flexibilização nas relações trabalhistas enfraquece valores como o compromisso, a confiança, a lealdade e o caráter. Ferreira (1995) afirma que “ter caráter” é um aprendizado, uma disciplina do espírito que depende do esforço individual, mas também dos meios culturais à disposição dos indivíduos.

Com base no exposto, há que se considerar que o momento da história exige mudanças na formação dos trabalhadores. “O momento é de mal estar, de crise e de desconforto” (SILVA, op. cit., p.6). Os atores envolvidos no mundo do trabalho já não se enquadram apenas nas relações entre patrão e empregado. Difunde-se a ideia de que os trabalhadores precisam ser competitivos, produtivos, modernos, multidisciplinares, poliglotas, empreendedores e conhecedores de informática. As propostas de trabalho não se resumem ao trabalho “de carteira assinada”, até por que está cada vez mais difícil encontrar emprego fixo. Antes se estendem através das cooperativas, empregos flexíveis que se compõem de atividades de tarefas ou empreitadas, os trabalhos por conta própria e os “bicos” ou trabalhos informais. Desta forma, há que se compreender este momento da história mundial e traçar características ou perfil do trabalhador do século XXI.

**Neoliberalismo e terceira via.**

O Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu discurso de posse, anunciou o fim da era Vargas no Brasil. O Presidente Getúlio Vargas foi à figura política mais marcante da história do Brasil no século XX. Ele foi responsável pelas mais profundas transformações na estrutura da economia, da sociedade e política nacional. Vargas governou o Brasil de 1930 até 1934 através de Governo Provisório decorrente da Revolução de 1930. De 1934 até 1937 governou o país como presidente constitucionalmente eleito. De 1937 até 1945 estabeleceu ditadura civil através de um golpe. Durante este período criou a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e em 1943 criou a Consolidação da Legislação Trabalhista (CLT). Em 1951 foi democraticamente eleito presidente do Brasil. Pouco depois criou a Petrobrás e a Eletrobrás. (SILVA, op.cit.)

Percebe-se então, que a administração de Vargas foi marcada pela forte intervenção do Estado na economia com ênfase nos setores de infra-estrutura e indústria de base e regulação da questão trabalhista através da CLT. Desta forma, a intenção do presidente Fernando Henrique Cardoso foi reduzir ou mesmo terminar com os longos anos de intervenção na economia e na sociedade. Tal ideal comunga dos princípios do neoliberalismo que, segundo Anderson (1996), é uma forte reação política contra o Estado. Para este autor a doutrina neoliberal nunca foi implantada de forma integral em nenhum governo.

Lakatos e Marconi (op.cit.) afirmam que o neoliberalismo defende a proposta de que o mercado deve coordenar racionalmente os problemas sociais e que a intervenção do Estado é incompatível com a economia de mercado sob a forma de planejamento total, porém, admite que o Estado deve manter a lei e a ordem. Estes autores relatam que a disciplina fiscal apresentou bons resultados no controle da inflação, porém, às custas do aumento da desigualdade social.

Observa-se que o neoliberalismo surgiu como um fenômeno mundial e que tem contribuído para moderar a intervenção estatal e suas consequências, mas que também produziu um retrocesso social agravando as desigualdades através da formação de uma sociedade com alguns setores integrados e uma grande massa de pessoas excluídas. A persistência do desemprego e a precariedade dos vínculos que regem o mercado de trabalho que aumentaram os problemas sociais e fizeram com que surgisse a Terceira Via que, segundo Lakatos e Marconi (op.cit), pretende ser uma opção entre o neoliberalismo e a social-democracia, uma nova forma de organização social e econômica, distante do capitalismo liberal e do estatismo comunista. É a humanização do capitalismo num mercado globalizado, mantendo a aceitação das realidades tecnológicas e econômicas mundiais, porém, buscando a correção, através da ação do Estado nos efeitos nocivos decorrentes da flexibilização do trabalho. Giddens (1995) afirma que os valores tradicionais do capitalismo são destrutivos devido às desigualdades sociais. Assim, a ação do Estado deveria estar concentrada na intervenção sobre os efeitos perversos provenientes do individualismo e da competição entre os trabalhadores. A atuação do Estado estaria limitada aos serviços sociais básicos, tais como educação e saúde.

**O trabalho no século XXI**

O momento histórico atual e globalizado faz com que haja reflexões sobre questões específicas relacionadas às grandes mudanças no mundo do trabalho. O trabalho é uma mercadoria, vale dizer que aquilo que o trabalhador sabe fazer, incluindo suas habilidades e competências, é uma mercadoria. E, como em qualquer outro mercado, envolve competição e a lei da oferta e procura.

Uma mudança que está em curso é a orientação para se encontrar trabalho. Antes se procurava um emprego para se trabalhar. Atualmente é necessário procurar clientes para o trabalho que ora se está oferecendo. No momento, as empresas não querem ter responsabilidade com seus empregados, assim, elas querem entregar o trabalho a quem possa executá-lo, pagando apenas pelo trabalho realizado, sem uma remuneração fixa mensal. É a terceirização em ação. A tendência então é que os trabalhadores deverão prestar seus serviços para várias empresas. Isto pode gerar uma alta rotatividade de atividade, de trabalho ou de empresa. Pode-se afirmar que as relações de trabalho estão sendo cada vez mais temporárias.

Não existem mais profissões de sucesso. Outra observação importante é o fato das empresas estarem, cada vez mais, deixando a carreira profissional por conta do empregado. Deve partir dele o interesse, como colaborador, de estar se desenvolvendo profissionalmente, aprendendo novas habilidades para ter um diferencial neste mercado. É importante ter opções para se oferecer neste mercado de trabalho. O trabalhador precisa ser especialista sem deixar de ser generalista.

Outro fator de sucesso importante para o trabalhador é o fato de saber trabalhar em equipe. Isto significa ter capacidade de se comunicar com outros profissionais, ter bom relacionamento e capacidade de argumentação para debater e negociar aspectos importantes do trabalho. O gerenciamento dos relacionamentos faz parte de uma área difícil do comportamento humano pelo fato de envolver sentimentos e emoções. Neste século, há que se considerar que todo trabalho pode ser informatizado, total ou parcialmente. Isto traz outra questão para reflexão: os trabalhadores podem ser divididos em dois grandes grupos, os que geram informações e os que processam informações. Os primeiros produzem conhecimento. Os segundos trabalham a informação. Há que se observar ainda que as diferenças sociais e econômicas entre estas duas categorias estão se tornando cada vez maiores.

Outra característica do trabalho neste século é o fato de que as habilidades desenvolvidas pelos trabalhadores rapidamente perdem valor. Desta forma o trabalhador precisa estar sempre se atualizando, não apenas no que sabe ou naquilo que tem ciência que não sabe, mas principalmente deve se esmerar em descobrir o que é que ainda não sabe.

**Conclusões**

Em face ao exposto, pode-se afirmar que neste momento da história, o trabalho está sofrendo profundas transformações. A alta produtividade não significa aumento dos empregos. Assim, os trabalhadores atingidos pelas transformações sofrem não apenas com um problema pessoal (desemprego), mas com um problema social (sucateamento dos serviços de seguridade e previdência).

O perfil do trabalhador dos dias de hoje precisa ser de um empreendedor, cuja capacidade de oportunismo criativo seja uma característica num mercado de incerteza e insegurança. Um profissional que conhece sua profissão e está inserido em um contexto social. Apto para atuar em um mercado competitivo, possuidor de uma grande capacidade de adaptação, flexibilidade e agilidade.

A adaptação ao novo modelo de relação trabalhista é inevitável. Novas exigências e novas premissas sustentam a competitividade e exigem o desenvolvimento de novas competências. Assim, o trabalhador pode esperar mudanças na legislação trabalhista com perdas dos direitos adquiridos. Vale dizer que o emprego formal, como é atualmente conhecido, está em extinção. Assim, o mercado de trabalho requer profissionais com múltiplas competências, conhecedores das necessidades da comunidade onde estão profissionalmente inseridos.

**Referências bibliográficas.**

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: BÒRON, Atílio. As políticas sociais e o estado democrático.3ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. FERREIRA, Aurélio B.de Holanda. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro,NovaFronteira,1995.

FROMM, Erich. Conceito Marxista do homem. 8ª edição. Rio de Janeiro, Zahar,1970

GIDDENS, A. Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical.São Paulo, UNESP,1995.

GITAHY, Leda, LEITE, Márcia de Paula. Novas tramas produtivas: uma discussão teórico-metodológica. São Paulo, SENAC,2005.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Sociologia Geral. 7ª edição. São Paulo, Atlas, 1999.

OLIVEIRA, Marco A. O novo mercado de trabalho, guia para iniciantes e sobreviventes.3ª edição. Rio de Janeiro, SENAC, 2006. SANTOS, Theotônio. Globalização. Cadernos de terceiro mundo. Nº 163. Rio de Janeiro, julho, 1993.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro, Record, 2005.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Mutações do trabalho. Rio de Janeiro, SENAC, 2002. VELOSO, Elza, TREVISAN, Leonardo. Produtividade e ambiente de trabalho: gestão de pessoas e carreiras. São Paulo, SENAC, 2006.

**Atenção!**

**FIQUE EM CASA.**